



A Casa dos Arcos na história do cinema de Brasília

The Arches House in the history of Brasilia's cinema

ALMEIDA, Sarah da Silva¹

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. almeida.sarah@hotmail.com

ORCID: 0000-0003-0413-9598

Recebido em 18/01/2020 Aceito em 17/02/2020

Resumo

Brasília foi projetada sobre o solo seco do cerrado e construída pelas mãos daqueles que viam além do hoje. Ela foi perpetuada pelas lentes que capturavam a luz da capital e o suor que molhava o chão. Este artigo propõe uma reflexão sobre essa relação: da arquitetura com o cinema, nos primórdios de Brasília. Para isso, vai estreitar o olhar sobre uma obra específica: a Residência Nivaldo Borges, cuja construção foi iniciada em 1972. A Casa dos Arcos, como ficou popularmente conhecida, possui uma história marcante, desde seu projeto do arquiteto Lelé, sua construção, mas também por seu vínculo com a história cinematográfica da Capital Federal. Pela abordagem das questões ligadas à importância da preservação da memória do cinema de Brasília e dos locais que ainda existem e ajudam a perpetuá-la, simbolizando o enlace entre cinema, arquitetura e memória, espera-se com este trabalho trazer à tona parte do valor que esta construção icônica da cidade possui. Para tanto, é feito o registro de sua história, valores e conexão com a difusão da arte cinematográfica. Para execução do trabalho foram realizadas: revisão bibliográfica, visitas à construção e entrevistas com os atuais proprietários, descendentes diretos do construtor original.

Palavras-Chave: Casa dos Arcos, arquitetura, cinema, Lelé, Brasília, Nivaldo Borges

Abstract

Brasília was projected on the dry soil of the cerrado and built by the hands of those who saw beyond today. It was perpetuated by the lenses that captured the light of the capital and the sweat that dropped on the floor. This article proposes a reflection on this relationship: architecture and cinema, in the beginning of Brasília. To achieve this, it will focus on a specific work: the Nivaldo Borges Residence, whose construction began in 1972. The Arches House, as it is popularly known, has a remarkable history, designed by the architect Lelé, it is also famous for its link with the cinematic history of the Federal Capital. By addressing issues related to the importance of preserving the memory of Brasília cinema and the places that still exist and help to perpetuate it, symbolizing the link between cinema, architecture and memory, it is hoped that this work will bring out part of the value that this iconic city building has. To this end, its history, values and connection with the diffusion of cinematographic art are recorded. To perform the work were carried out: literature review, construction visits and interviews with the current owners, direct descendants of the original builder.

Key-Words: Arches House, architecture, cinema, Lelé, Brasilia, Nivaldo Borges



1. Introdução

Assim como as questões vinculadas à importância da preservação da arquitetura modernista propriamente dita, outras atividades também se tornam relevantes para o assentamento histórico da memória local e de suas comunidades. Este é o caso do cinema de Brasília, cujo conhecimento sobre a história de sua instalação nos primeiros locais de exibição cinematográfica de Brasília está diluído em relatos falados dos que viveram aqueles anos e nos poucos registros jornalísticos da época, ambos difíceis de serem obtidos.

Relembrando parte da história de Brasília por meio de relatos orais e escritos, este artigo resgata parte da trajetória arquitetônica e cinematográfica da cidade, e da relação entre essas duas atividades, por meio da apresentação da história da arquitetura da Residência Nivaldo Borges, ou Casa dos Arcos, do arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé e do cinema que ali se instalou pelos idos dos anos 70. Da qual a residência é participante, porém com sua história pouco difundida.

Para isso foi feito um levantamento histórico e quantitativo dos cinemas em Brasília ainda no século XX, registrando-se também locais e pessoas que tiveram, ou ainda têm, participação no desenvolvimento dessa arte na cidade. Há, também, a busca pelas origens do cinema em geral no Distrito Federal com seu caráter predominantemente urbano, voltado para a rua e incentivador do convívio social (PINHEIRO, 2014. p.6).

A residência Nivaldo Borges, aqui apresentada de forma detalhada, é resultado de um projeto que também ficou conhecido como Casa dos Arcos, ganhando esse nome por seu sistema construtivo, de arcos e abóbadas, feitos em tijolo cerâmico. Esses aspectos tornam a casa facilmente identificável, seja para quem passa pelos seus arredores, seja por quem a vê em uma fotografia. Desde seus primeiros anos a residência se tornou um dos espaços alternativos de exibição de filmes da cidade¹, devido ao hobby e paixão do proprietário da casa pela sétima arte. Nivaldo era grande fã de filmes e fazia sessões em seu cinema particular onde exibia filmes 15 a 20 dias antes do lançamento nacional. Além disso, no local eram realizadas grandes reuniões com amigos e familiares, motivo principal pelo qual pedira ao arquiteto amigo uma casa ampla, que foi aos poucos se tornando parte da memória coletiva dos locais.

Este texto visa ressaltar a importância patrimonial da residência, apoiando-se nos relatos dos trabalhos de Adalberto Vilela (2011) e Cláudia Estrela (2010). A edificação é um ícone e patrimônio da cidade, porém, não está salvaguardada por nenhum Poder Público. Motivo pelo qual, aqui também são apontadas questões do estado de preservação atual desse bem. Hoje o local é usualmente utilizado como palco para grandes eventos tais como festivais e casamentos. E, exatamente por conta da necessidade de adaptação do local para promoção desses acontecimentos, que geram capital para manutenção da mesma, os atuais proprietários se viram obrigados a realizar alterações no espaço, que por sua vez geram preocupações para os donos e são abordadas neste trabalho.

A Casa dos Arcos possui uma história marcante, desde seu projeto do arquiteto Lelé, sua construção, mas também por seu vínculo com a história cinematográfica da Capital Federal. É de se destacar a importância do arquiteto Lelé, que não só participou da construção da cidade lado a lado com Oscar Niemeyer, como também deixou nela sua marca. Esse resgate pode, portanto, ao alertar para o risco de perda do valor patrimonial, histórico e artístico da residência, colaborar para a memória do cinema de Brasília e dos locais que ainda existem e ajudam a perpetuá-la, simbolizando o enlace entre

¹ Terminologia dada pela autora Daniela MARTINS (2013) para espaços que ganharam função similar entre os anos de 1960 e 1965



cinema, arquitetura e memória.

2. Breve história dos cinemas da capital

Brasília foi projetada sobre o solo seco do cerrado e construída pelas mãos daqueles que viam além do hoje. Ela foi perpetuada pelas lentes que capturavam a luz da capital e o suor que molhava o chão. Graças a Juscelino Kubitschek, que enxergava no Plano Piloto uma história que deveria ser contada às gerações futuras, vários momentos da construção da nova capital foram registrados em filmes: suas fundações, pilares, sua gente. Brasília já nasceu sob os holofotes. É cidade em que a cena de cada tijolo que se erguia era documentada, seja por um clic de máquina fotográfica, ou pelo registro de filmes em película, por uma letra do repentista que veio do sertão, por matérias jornalísticas, e sempre por relatos de testemunhos oficiais do governo (MORAIS, 2013. p.1).

Segundo Bizello (Bizello apud ALVES e BONI, 2012), a produção de imagens e filmes da cidade foram fundamentais para a conquista da opinião pública a favor do presidente. Em 1956, quando Juscelino anunciou a fundação de Brasília, estavam presentes as câmeras de Jean Mazon, Carlos Niemeyer, Herbert Richers e Isaac Rosemberg. Observe-se também que a televisão havia chegado há pouco mais de cinco anos no Brasil e, ao lado do cinema, encantava a população com a possibilidade de registro e transmissão de imagens de momentos e pessoas importantes do país e do mundo, mesmo que em imagens ainda um pouco borradas. O cinegrafista José Silva e seu filho Sávio Silva registraram cenas memoráveis, como a construção da capital e a primeira missa oficial realizada (GDF). Esse era só o começo da jornada da cidade e sua relação com esses meios de comunicação.

O tão esperado progresso aconteceu simultaneamente a uma nova etapa da vida política, econômica e cultural da cidade. Brasília foi inaugurada em 1960, década em que surge na França o Cinema Novo, que chega ao Brasil com o engajamento de luta contra a “falência” do cinema nacional (MORAIS, 2013. p.2). Outros movimentos e expressões culturais tomam força nesse período, a Bossa Nova, a Jovem Guarda, o Tropicalismo, o Concretismo, todos esses, movimentos, estéticas, linguagens, ações, políticas e performances que definem aos poucos a nova identidade do país. A autora Liz Sandoval ainda destaca que os registros iam além da demanda do poder político: “cineastas, principalmente os vinculados ao movimento do Cinema Novo, como Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos e Cacá Diegues retrataram as mudanças que aconteciam no país como um todo” (SANDOVAL, 2014. p.89).

As salas de cinema da capital surgem logo, na própria década de 60. Eram oito salas para pouco mais de 140 mil habitantes, que se distribuíam entre o Plano Piloto e as cidades satélites (PINHEIRO, 2014. p.12). Apesar do início glamoroso do cinema do Rio de Janeiro, as salas de Brasília não apresentavam a mesma estética Belle Époque da antiga capital. Seus interiores se aproximavam mais das linhas simplificadas do modernismo, movimento já incorporado no design, na arquitetura, na pintura, na literatura, no cinema. Vale destacar que esses locais de exibição ficavam próximos a comércios, e não dentro de shoppings centers como nos dias de hoje. A maior parte estava integrada ao contexto urbano e mantinha suas entradas principais voltadas para a rua. Esses cines eram umas das principais atividades de lazer e socialização na cidade que ainda se erguia.

Em texto jornalístico, Severino Francisco (2017) resgata a história da chegada do cinema à Brasília, não apenas como opção de entretenimento, mas analisando-o como atividade e núcleo produtivo. O jornalista e professor cita a figura do professor e crítico de cinema Paulo Emílio Sales Gomes, que foi um dos mais de 200 brilhantes intelectuais trazidos por Darcy Ribeiro para montar a Universidade de Brasília. O crítico de cinema chegou à nova capital nos primeiros anos da década de 60, junto com o cineasta Nelson Pereira dos Santos, para fundar o primeiro curso de cinema em uma universidade



brasileira, na Universidade de Brasília. Foi também de Paulo Emílio Sales Gomes a coordenação da 1ª Semana do Cinema Brasileiro, realizada em 1965, a qual daria origem, dois anos depois, ao Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Quem faz esse relato é Severino Francisco, que lembra ainda os comentários sobre filmes realizados por Paulo Emílio tanto na UnB, como no Clube de Cinema da Escola Parque², estimulando a reflexão dos espectadores sobre os temas das películas.

Também o diretor Vladimir Carvalho (CINE 81, 2011) registra a criação do curso de cinema na Universidade de Brasília (UnB), o primeiro em nível de graduação no Brasil, e da Semana do Cinema Brasileiro, que em 1967 se transformou no famoso Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, mais antigo e ininterrupto dessa modalidade no país. O Cine Brasília, local das exhibições dos festivais, teve e teria sempre uma ligação particular com a história cinematográfica da cidade, pois esse, que foi o primeiro cinema da nova capital, já estava previsto no plano da superquadra modelo de Lúcio Costa. Sua proposta era gerar um local de entretenimento para os moradores, pois já se previa a carência de opções de lazer nos primeiros anos de instalação da capital.

Porém, em 1969, cinco anos após o começo da ditadura militar no país, foi criada a Embrafilme, empresa estatal que controlava a indústria cinematográfica. A censura ocorreu não apenas sobre a produção de filmes, mas sobre todos os meios de comunicação e seus produtos. O que não impedia a atividade do cinema, mas exigia que os conteúdos fossem transmitidos de forma discreta e subliminar, o que acabou por incentivar sessões de cinema em residências privadas e o surgimento “cineclubes”. Na década, o cineasta José Damata deu início ao Projeto Cinema Voador, um dos primeiros a criar experiências de exibição de cinema para grandes plateias, ao ar livre, proposta existente ainda nos dias de hoje (GDF). E também o Cine Drive-in, com uma tela de projeção cinematográfica de 312 m², que é o último deste tipo em funcionamento no país atualmente e que também se localiza em Brasília.

A cidade chegou a ser o terceiro maior polo produtor de cinema do país. Criado em 1991, o Polo de Cinema Grande Otelo, localizado em Sobradinho, possui uma área de 400 hectares, palco de mais de 80 produções cinematográficas no Distrito Federal (SENISE, 2012). E hoje, localiza-se na cidade o segundo maior mercado de fotografia publicitária do país, perdendo apenas para São Paulo, de acordo com o fotógrafo brasileiro Kazuo Okubo. O cenário único que a capital oferece ainda é mostrado em diversas produções de filmes, novelas e propagandas, além de peças publicitárias que contam com incentivos governamentais. Essas criações divulgam Brasília nas telas de televisão e cinema do país e do mundo, mostrando sua arquitetura, história, cultura e paisagens naturais, além, é claro, do cenário político.

Brasília, já chamada por algumas pessoas de “capital dos cinéfilos” ou “capital do cinema brasileiro”, possui um dos maiores índices de frequência semanal às salas de projeção, entre a população das capitais brasileiras, com um percentual de 17% de assistência mensal, segundo dados da cartilha Cultura em Números (2010, Ministério da Cultura) (SENISE, 2012). Em 2016, a Agência Nacional de Cinema contabilizou 3.160 salas de exibição de cinema no Brasil. E detendo 88 destas salas, o Distrito Federal durante todo o período compreendido pelo Anuário (2009-2016), foi a unidade da Federação com melhor número de frequentadores por sala, com 33.832 tíquetes vendidos (ANCINE, 2016).

Entretanto, dentre os 15 complexos de cinema de Brasília, apenas dois não se localizam em shoppings: Cine Brasília, sala pública, e Drive-in. Vários espaços mais antigos e tradicionais da cidade acabaram fechando as portas. Esse dado preocupa a pesquisadora Elen Geraldine, doutora em

2 De acordo com Anísio Teixeira, a cada grupo de quatro superquadras do Plano Piloto de Lúcio Costa haveria uma Escola Parque. “Destinada a atender, em 2 turnos, a cerca de 2 mil alunos de «4 escolas-classe», em atividades de iniciação ao trabalho (para meninos de 7 a 14 anos) nas pequenas «oficinas de artes industriais» (tecelagem, tapeçaria, encadernação, cerâmica, cartonagem, costura, bordado e trabalhos em couro, lã, madeira, metal, etc.), além da participação dirigida dos alunos de 7 a 14 anos em atividades artísticas, sociais e de recreação.” (TEIXEIRA apud MÁXIMO, 2016. p.2497)



Sociologia e professora da Faculdade de Comunicação da UnB. “Os cinemas em shoppings criam um critério socioeconômico. Associa-se o cinema a consumo”, acrescenta Moraes (2016).

Mas, ainda que hoje este cenário esteja mudado, a história do cinema de Brasília está vinculada a vários cinemas de rua, locais alternativos de exibição e festivais. Uma característica cultural e de memória a ser preservada. No trabalho de Marcus Senise (2012) ele analisa a importância do Festival de Cinema de Brasília com base em um conceito muito interessante proposto por Susana Gastal e Maruschka Moesch, o qual constrói uma abordagem sobre o turista cidadão, onde o morador é turista na própria cidade, a partir do usufruto e da experimentação do espaço público e dos eventos culturais, surgindo assim o sentimento de pertencimento e identificação com a cidade.

Nos últimos anos, vêm crescendo o número de festivais, mostras e exposições de filmes no Distrito Federal, seja por iniciativa pública, ou por estímulos privados ou independentes. Eles são um meio de divulgar os cineastas locais, filmes estrangeiros e antigos, ou simplesmente um modo das pessoas fugirem da rotina. Essa parece ser uma tendência natural da cidade, que cresceu de braços dados com o cinema. Nesse sentido, a ideia deste trabalho é valorizar esse passado, registrar um pouco desta memória dos locais de projeção cinematográfica de Brasília e, principalmente, resgatar o passado da Casa dos Arcos, enquanto obra arquitetônica e espaço de cinema, evidenciando seu valor histórico, cultural e patrimonial para a capital.

2.1. Onde estavam os cinemas da capital?

Integrada ao passado da cidade, a Casa dos Arcos é acompanhada por vários outros exemplares significativos da história do cinema em Brasília. Por isso, este trabalho optou por listar, brevemente, alguns desses antigos locais de exibição da cidade. Para isso, utilizou-se dos trabalhos das autoras Daniela Martins (2013), Samita Pinheiro (2014), de entrevistas realizadas com um dos atuais proprietários da residência, Nivaldo Borges Júnior (2017 e 2019) e do conhecimento próprio da autora. Devido ao foco deste artigo, esta seção não teve a intenção de esgotar a lista dos locais de exibição de filmes da cidade, mas apenas daqueles que tenham relação com o objeto desta pesquisa e cujos dados puderam ser alcançados.

O ponto de partida para se localizar os cinemas na capital não poderia ser outro que não o Cine Brasília. Fundado em 22 de abril de 1960, o Cine Brasília foi uma das atrações da inauguração da cidade. A sessão de abertura contou com a exibição de filmes de grande sucesso, como *Anáguas a Bordo*, *A Canoa Furou* e *O Discípulo do Diabo* (MUSEU VIRTUAL, 2012). Localizado entre as quadras 106 e 107 sul, o projeto arquitetônico criado por Oscar Niemeyer conta com uma sala de exibição de 600 lugares e um painel decorativo desenhado por Athos Bulcão.

Ainda no Plano Piloto, ficaram nas memórias dos brasilienses alguns outros cinemas. Entre , podem ser citados: o Cine Teatro Cultura, Cine Atlântida (Conic), Cine Miguel Nabut (Conic), Cine Márcia (Conjunto Nacional), Cine Karim (Asa Sul), Cine Dois Candangos (Universidade de Brasília). E ainda cabe destacar o Cine Drive-in, inaugurado em 1973, com projeto do engenheiro Ricardo Koury, em um espaço que oferecia um modelo de exibição diferente dos demais da capital, pois uma grande tela exibia os filmes ao “ar livre” e as pessoas assistiam a projeção sentadas em seus próprios carros. Seu sucesso passou por altos e baixos, chegando o próprio cinema a ser protagonista de um filme intitulado “O último Cine Drive-in”, lançado em 2015.

Por trás de alguns desses espaços está um personagem famoso para a história do cinema de Brasília: Abdala Carim Nabut. Pioneiro, participou da construção, trazendo combustível para o maquinário da nova capital. Sua paixão por cinema o levou a criar o Cine Karim (variante de seu nome), nas entrequadras 110/111 Sul, o Cine Márcia, no Conjunto Nacional e, no Conic, as salas Miguel Nabut e



Badya Helou. Outro espaço de cinema criado por Carim foi sua própria casa, localizada no Lago Sul. A Casa do Carim possuía um cinema com cerca de 50 lugares, para onde ele convidava amigos a assistirem filmes antes de sua estreia oficial no cinema (MARCA BRASÍLIA). Uma característica interessante e que muito se assemelha à história de Nivaldo Borges, apresentada na seção seguinte.

Não era só no Plano Piloto que o cinema estava presente, especialmente o cinema de rua. Em Taguatinga havia o Cine Lara, Cine Paranoá, Cine Teatro Taguatinga e o Cine Rex. No Gama havia o Cine Amazonas e o Cine Itapuã, em Sobradinho estava o Cine Alvorada, no Núcleo Bandeirante, o Cine Bandeirante e, por fim, o Cine São Francisco, em Brazlândia. Infelizmente boa parte deles, seja no entorno ou no centro da cidade, deixou de existir como eram conhecidos. Alguns foram transformados em igrejas, lojas de departamento ou passaram a exibir filmes de pornografia. Uma tentativa de salvar o Cine Itapuã foi feita no Gama ao cederem o imóvel para a Administração Regional, evitando que este fosse também transformado em igreja (PINHEIRO, 2014. pp.23-24).

O Cine Academia, localizado na antiga Academia de Tênis de Brasília, foi um dos últimos desse tipo a ser fechado. Ele teve seu ápice na década de 90, onde exibia filmes alternativos, europeus e asiáticos. “Era comum, o cinéfilo esticar o tempo no café e encontrar políticos e artistas hospedados” (DORNAS, 2017). Note-se que a jornalista cita esse último detalhe pelo fato de o local dividir com as quadras desportivas, piscinas, restaurantes e o cinema, também um hotel-residência. O espaço entrou em declínio por volta de 2005, juntamente com a condenação do proprietário pelo Tribunal Regional Federal, por fraudes e dívidas.

O intuito de mostrar parte dessas histórias é demonstrar como, apesar de se constituir em uma cidade jovem, Brasília já possui um passado cinematográfico. Porém, como citado, seus tradicionais cinemas deixaram as ruas e se instalaram nos shoppings centers, ainda que, hoje, estejam voltando a visitar lugares inusitados por meio de eventos itinerantes. A continuidade do cine Brasília, do cine Drive-in trazem esperança para que essa arte não seja estritamente dominada por seu valor comercial.

Além dos grandes cinemas, porém, este texto tem a proposta de encontrar em uma obra de arquitetura específica e que abrigava uma pequena sala de exibição, mais elementos da história do cinema em Brasília. Para tanto, escolheu a Casa dos Arcos como foco de observação, partindo da história de seu projetista, passando pela descrição da casa, seus usos e, sua ligação com o cinema.

3. João Filgueiras Lima, o Lelé

Membro fundamental do grupo que concretizou o sonho de Brasília, é raro que aqueles que frequentem o curso de Arquitetura e Urbanismo não conheçam a obra e o legado de João Filgueiras Lima, o Lelé. Tendo se deslocado do Rio de Janeiro para a futura capital, Lelé trabalhou lado a lado com um grande time na construção da cidade. Segundo Lúcio Costa (LATORRACA, 2000), eles formavam “uma boa trinca”: Niemeyer era o sonhador, Lelé o construtor e ele (Lúcio) representaria a tradição.

Lelé ficou mais conhecido pelos projetos da Rede de Hospitais Sarah Kubitschek, entretanto, suas obras se estendem por todo o país e, provavelmente, muitas ainda passam despercebidas para aqueles que as percorrem. Era um arquiteto completo e versátil. Seu histórico de projetos abarca uma ampla gama de tipologias: residenciais uni e multi familiares, edifícios comerciais, educacionais, hospitalares, administrativos, industriais, religiosos e culturais, além de projetos de design e equipamentos urbanos.

Chegou a Brasília em 1957, recém-formado, vindo trabalhar na construção da capital. Entre seus diversos trabalhos públicos na cidade, podem ser destacados: o Instituto Central de Ciências (ICC) e a Colina (edifícios residenciais para os professores da UnB), o Hospital de Taguatinga, o edifício



Camargo Correia no Setor Comercial Sul, a Disbrave na Asa Norte e a Rede Sarah de Hospitais.

Além de um profissional notabilizado por seus talentos, a personalidade e competência de Lelé aparecem em destaque nos carinhosos depoimentos dos amigos, familiares e colegas de trabalho. Segundo Haroldo Pinheiro, presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo, que trabalhou com o arquiteto desde 1974 (CAU/BR, 2014):

Como arquiteto dominou todo o arco da construção e dominava com extrema facilidade. Depois do movimento moderno brasileiro, foi o arquiteto que realmente inovou. Ele tinha soluções ecologicamente corretas, que aplicava às suas obras 30 anos antes de isso virar moda. Fazia mais, utilizando menos recursos.

Já o médico Aloysio Campos da Paz Júnior (IAB-SC, 2014) afirma:

Ele criou os espaços que permitiram a implantação de uma cultura em medicina de reabilitação, que, por meio de gerações, vem beneficiando milhares de brasileiros. Alguns são honrados com monumentos depois da vida. O Lelé ergueu os seus monumentos em vida e eles são a maior testemunha de seu gênio.

E para Adriana Rabello Figueiras, arquiteta e urbanista, filha de Lelé (CAU/BR, 2015):

Papai foi um homem simples, que sempre combateu o luxo e a ostentação. Analisando sua obra e refletindo sobre as construções que realizamos juntos, vou compreendendo, cada vez com maior clareza, o quanto essa simplicidade tornou-se essencial em seus projetos, nas soluções construtivas, no despojamento dos espaços por ele criados.

Tratar da personalidade de um arquiteto pode não parecer essencial, em um primeiro momento, para a análise de sua obra, mas no caso do repertório residencial de Lelé, essa característica é fundamental. Seu escritório funcionava com base em suas obras públicas, já que ele só realizava casa para seus amigos, não aceitando receber pagamento por esse tipo de projeto, com exceção de uma. Na obra “Olhares: Visões sobre a obra de João Figueiras Lima” são apresentadas todas as residências que Lelé criou, onde apenas uma delas não foi realizada para um colega. Pode-se dizer que, ao criar esses espaços, o principal conceito que Lelé buscava era a felicidade. Apesar de serem obras de menor porte, apresentam tanto esmero quanto qualquer outro projeto (PORTO, 2010. p. 103)

Lelé implantou em cada uma delas o seu capricho, rigor técnico, criatividade e inovação. As casas possuem formas e programas muito diversificados, cada um devidamente adaptado a seu local e dono. “A estrutura sempre será pensada com intenção plástica, definindo-se na concepção inicial do projeto” (PORTO, 2010. p.104).

A dissertação de Adalberto Vilela (2011) apresenta detalhadamente quatro exemplares de casas com técnicas construtivas distintas e, como ele mesmo descreve: “Se há uma constância na obra de Lelé, é a sua inconstância”. As obras apresentam soluções tão diversas e inusitadas como os possíveis uso de materiais que são empregados. Adalberto destaca quatro casas como simbólicas no portfólio do arquiteto: a Residência Aloysio Campos da Paz, pelo uso de pedra e alvenaria; a residência José da Silva Netto, descrita como uma ode ao concreto armado; a Residência Roberto Pinho, realizada em aço e, o objeto central deste trabalho, o uso da construção em tijolos na Residência Nivaldo Borges.

4. A Residência Nivaldo Borges

Figura 1: A Casa dos Arcos

Fonte: Autora (2017)

A descrição e análise da residência Nivaldo Borges aqui apresentada será feita com base nos relatos de Cláudia (PORTO, 2010), Adalberto (VILELA JÚNIOR, 2011) e na visita feita a casa, no dia 07 de setembro de 2017, guiada por Nivaldo Borges Júnior, o Nivaldinho, como era chamado por Lelé.

A obra da residência teve início em 1972 e foi concluída apenas em 1978, com uma área edificada de aproximadamente 2.000m². O calculista do projeto foi o professor Ernesto Walter. O projeto da propriedade original estava implantado em três lotes do Park Way que, originalmente, eram de cerca 20.000m² cada um. A região é, tradicionalmente, um dos maiores bairros residenciais da cidade e, ainda assim, um local com boa proximidade a algumas atrações turísticas e de entretenimento da cidade, como o Catetinho, o Museu Vivo da Memória Candanga, a Casa Niemeyer e o Brasília Country Club.

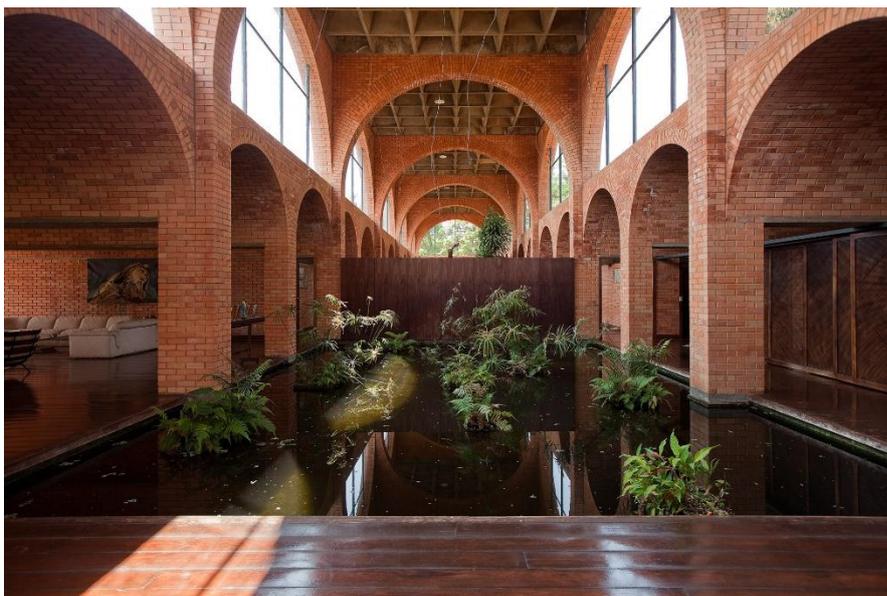
Porque eu acho que o projeto de uma casa é uma atividade assim, muito excepcional do arquiteto. Porque ela é feita para um indivíduo e não para a coletividade. Então, todo programa é direcionado para o bem-estar daquela pessoa. Por isso que eu digo, só faço casas para amigos (LELÉ).

Como citado pelo próprio arquiteto, as casas de Lelé costumavam florescer de suas amizades. A residência Nivaldo Borges não foi uma exceção. Nivaldo era advogado e chegou de Pernambuco em Brasília no ano de 1960, “um senhor com aquele ar patriarcal do Nordeste”, segundo Lelé. Mas foi graças à sua personalidade amigável e agregadora que conheceu o arquiteto, o qual 12 anos depois projetaria para ele uma mansão no Park Way (SAMORANO, et al., 2014).

O projeto de grandes proporções refletia perfeitamente os gostos do proprietário, e sua necessidade de espaço para criar seis filhos. A casa deveria comportar toda a família, bem como sua paixão por filmes e carros. Foram mais de 2.000m² construídos ao todo, sendo a parte principal assentada em uma plataforma na parte mais alta do lote (PORTO, 2010).

A história é que justifica o projeto, dizia o arquiteto. Lelé era um modernista que não seguia dogmas, se importava mesmo era em fazer a coisa funcionar, narram seus observadores. O projeto tinha que ser coeso e representar o seu amigo. Sendo assim, ele deixou o concreto e os pré-moldados em segundo plano para adequar o projeto à capacidade do Tião. Tião era um mestre-de-obras catalão, especializado na construção de arcos e abóbadas. E, mesmo com as dificuldades de diálogo pela diferença de idiomas, Lelé adota o tijolo como matéria prima do projeto. “Embora o programa residencial fosse dedicado para o Nivaldo, a casa foi pensada construtivamente para o Tião” (PORTO, 2010).

Figura 2: A Casa dos Arcos



Fonte: FRANÇA (2011)

Outra peculiaridade da casa, que também resultava dos gostos do proprietário, foi o fato de ter sido construída pela família. Apesar das diversas leituras sobre este fato em outros trabalhos, ainda não era claro o que significava o gosto de Nivaldo pela construção. “Foi realmente um projeto familiar”, nos explicou Nivaldo Júnior, ao narrar de própria voz que eles mesmos construíram um barraco no terreno, o qual foi apelidado de “Catetinho”, onde a família morou por sete anos enquanto construía o projeto, literalmente, com as próprias mãos.

Sobre o piso da área de lazer, ele conta: “Tinha 14 anos na época. Eu fazia 12 pedras por dia”. Ele mesmo fazia o traço, preparava e assentava as pedras. Foram três anos para concluir toda a tarefa, incluindo feriados. “Na época eu não gostava, hoje vejo como foi importante”. Isso também é perceptível quando ele passa a apresentar todo o sistema construtivo e os detalhes da obra.

A modulação do espaço se dá pelo vão das abóbadas com um espaçamento de 3,50 metros. Os arcos são notados tanto na fachada, quanto no interior do edifício. No espaço de pé direito triplo, com vão de 7,15 metros, Nivaldo Júnior chama a atenção para os pilares, praticamente o dobro dos outros, e que suportam os grandes arcos. Pode-se encontrar o concreto nas robustas vigas que apoiam as abóbadas da cobertura, as quais criam a plataforma para o terraço jardim que se estende por quase todo o projeto.

Há neste projeto uma particularidade em relação ao sistema construtivo. À exceção das fundações, o uso do concreto foi extremamente limitado. Talvez um dos motivos que tenham contribuído para a redução do empuxo nas abóbadas das extremidades, como nas fachadas sudeste e noroeste, tenha sido a fundição de vigas de concreto armado no fundo do arco (base da abóbada) (VILELA JÚNIOR, 2011.p.230)

No amplo vão central, o fechamento se diferencia plasticamente do restante da casa com tijolo aparente. Ele foi feito de argamassa armada, formando uma grande grade de claraboias. Cada peça foi moldada individualmente (as fôrmas ainda se encontram no jardim na casa) e depois elas mesmas serviram de fôrma para a concretagem que recebiam em cima. Os buracos foram tampados com placas de fibras de vidro parafusadas que podiam facilmente ser colocadas ou retiradas, a gosto do proprietário. A obra é realmente primorosa, o acabamento do mestre de obras era tão refinado que até

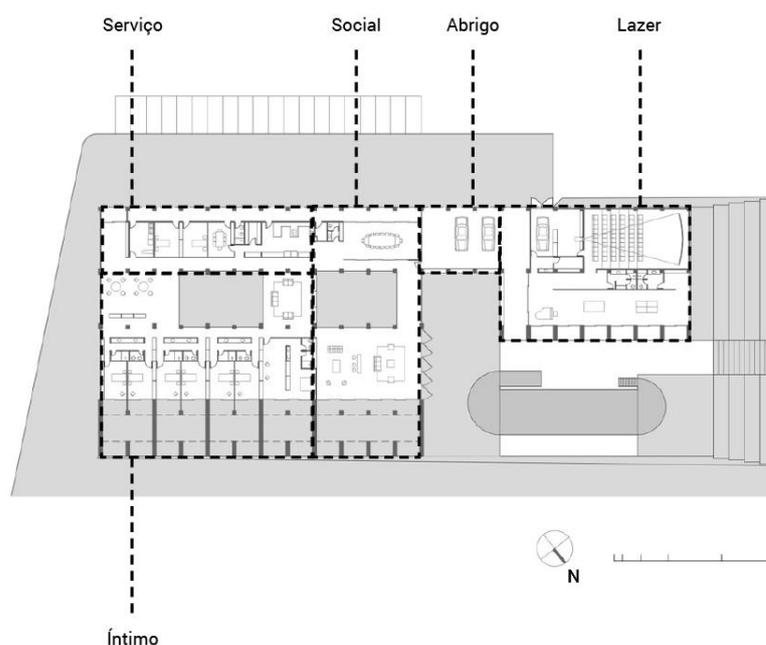
mesmo a caixa d'água, prevista para ter 13 metros – e executada com 17 metros –, acabou sendo completamente feita na mesma alvenaria de tijolos. O próprio Lelé se impressionou com a qualidade do trabalho de Tião e anos depois voltaram a trabalhar juntos em uma igreja, em Alagados, na Bahia.

Como já citado, Lelé era um arquiteto completo. Bom em projetar e construir, ele também se dedicava aos mínimos detalhes do projeto e pensava a obra no conjunto. São exemplos disso na Casa dos Arcos os armários da cozinha, o projeto do rodapé, todas as luminárias da residência e grande parte dos mobiliários adotados. Além do mais, gostava de trabalhar em parceria com outros artistas, em especial Athos Bulcão, que chegou a projetar um painel para o grande armário que separava a área íntima da casa. O projeto acabou não sendo aprovado por Lelé e nunca foi executado.

4.1. Zoneamento

Outro diferencial da casa é sua implantação, colocada em um aterro contido por um muro de arrimo, seu posicionamento rotacionado no terreno gera uma vista ampla e desimpedida graças à ausência de construções à sua frente. O projeto possui uma geometria simples com formas retangulares interligadas, com arcadas centrais que criam generosos jardins internos, integrados com os quartos e as salas. O bloco menor completa o programa de necessidades com as vontades específicas de Nivaldo, como a oficina e o cinema, gerando um zoneamento claro e simples das áreas da casa:

Figura 3: Zoneamento



Fonte: Autora (2017)

4.2. Estado Atual

Desde o contato por telefone, Nivaldo Júnior mostrou-se mais do que disposto a abrir a casa e colaborar com este trabalho. O primeiro encontro foi agendado para a manhã do feriado de 7 de setembro. Nivaldo Júnior relatou: “Estou fazendo pequenas alterações, não na arquitetura, mas em termos de funcionalidade, para disponibilizar a casa para estas pessoas“. As pessoas citadas em questão são aquelas interessadas no aluguel do espaço para eventos.

As alterações são facilmente perceptíveis para quem conhecia o espaço originalmente, mas ele mesmo aponta as diferenças. Após um primeiro momento de espanto e preocupação com as características “perdidas” do projeto original, nota-se, na verdade, o cuidado do proprietário ao realizar todas as mudanças de modo que possam ser revertidas ao projeto original, no futuro. Ele explica “A gente encontrou uma maneira de preservar e manter a mansão dos arcos. E qual é essa maneira?



Hoje nós a disponibilizamos para eventos corporativos, casamentos, quinze anos. Ela gera uma receita que nos dá essa condição de preservar e manter esse monumento arquitetônico”.

Visando um registro histórico do bem, sintetizam-se aqui as mudanças efetuadas, bem como uma síntese das explicações e motivos para as mesmas, segundo o proprietário:

- Adaptação dos banheiros: Os banheiros desenhados por Lelé foram pensados para o uso de dois irmãos ao mesmo tempo. Não comportando o número de pessoas em grandes eventos, um destes foi adaptado para portadores de necessidades especiais e outros foram divididos em mais cabines, por meio da retirada dos chuveiros.
- Retirada da cobertura vegetal: Os jardins suspensos foram retirados por questões de infiltração e por causa da difícil e cara manutenção das plantas.
- Retirada de alguns vidros nos arcos internos: Após a retirada na terra da cobertura, a alteração não foi apenas estética, ela também gerou efeitos no microclima da casa, que perdeu parte de seu isolamento térmico. Devido a esse aumento da temperatura, alguns vidros internos foram retirados, intensificando o fluxo dos ventos nos espaços.
- Criação de mais uma pista de acesso ao lote: A pista original proposta por Lelé se encontra abandonada atualmente e a nova entrada foi um modo de propor aos convidados a entrada pelas escadas, passando pela piscina ou então chegando ao abrigo diretamente. Evitando-se, assim, o contato com a área de serviços. Nivaldinho aponta que havia, originalmente, a passagem pela fachada Noroeste da casa, mas ela foi perdida quando parcelaram e venderam os lotes.
- Retirada dos móveis e divisórias: Os painéis de madeira (treliças) que antes separavam a sala de jantar do vão central foram guardados para gerar mais liberdade de fluxo no espaço, bem como a mobília de todos os quartos e salas. Nivaldo conta que essa foi uma decisão tomada, não somente pela questão das festas, mas pela própria deterioração, causada pelo tempo, que as estruturas de madeira sofreram.
- Construção do muro de cobogó: Segundo Nivaldo Júnior, o próprio Lelé já havia previsto a construção de um muro de cobogós que concedesse maior privacidade à área de serviços e à sala jantar, áreas voltadas para o estacionamento da casa. O muro nunca havia sido construído e, recentemente, os filhos resolveram realizar essa parte do projeto, optando, porém, por não estender o muro até a sala de jantar.
- Fechamento do jardim interno: Provavelmente a mudança mais notável na casa, para aqueles que já entraram nela anteriormente, é a ausência de seus jardins internos. Hoje, o vão central mantém o espelho d'água, mas a parte posterior, que continha o jardim, foi coberta por praticáveis de madeira. Uma solução não agressiva ao espaço e facilmente identificável pela diferença de orientação das tábuas.
- Retirada dos brises de madeira da fachada: A mudança mais perceptível nas fachadas foi a retirada dos brises de muxarabi que limitavam o visual da sala para a área da piscina e restringiam a passagem para a área externa. Felizmente, os brises se encontram guardados e protegidos para que um dia possam ser instalados novamente.
- Troca das aberturas de madeira por cortinas de vidro noroeste: As portas de madeira maciça desenhadas e detalhadas por Lelé se encontram em ótimo estado de conservação, porém só geravam 50% de abertura e acabaram sendo substituídas nas áreas sociais da residência por cortinas de vidro. As portas originais também estão preservadas pelos donos e podem ser

vistas em alguns cômodos, como o cinema e a área de serviço.

5. Casa e Cinema

A segunda entrevista realizada com Nivaldo Borges Júnior aconteceu em 5 de julho de 2019. Desta vez, tendo como foco a vinda da família para Brasília, as memórias de Nivaldo Borges, bem como sua paixão por cinema e a relação da residência com a história do cinema de Brasília. Todas as informações descritas a seguir foram baseadas na gravação realizada neste mesmo dia com o consentimento do entrevistado.

Nivaldo Borges, o pai, descrito por Lelé como o senhor com ar patriarcal do Nordeste, nasceu no Recife e desde cedo foi obrigado, pela perda precoce do pai aos 15 anos de idade, a se dedicar ao trabalho, sustentando a mãe, as duas irmãs e a esposa. Em 1959, recém-casado e com dois filhos (Nádia e Nivaldo Júnior), trabalhava como gerente para o Banco do Povo, onde foi convidado pelo presidente do banco a se mudar para a nova capital.

Figura 4: O cinema



Fonte: Joana França (2011)

Ao chegar à cidade em 1960, a situação financeira acabou levando a família a comprar dois lotes em uma região distante do centro da cidade, o Park Way. Ele começou a construir uma casa para si, mas com pouco dinheiro, o processo levou cinco anos para ser concluído. Enquanto isso, eles moraram em uma pequena casa na 710 sul, voltada para a via W3 Sul.

Mas, apesar das dificuldades financeiras, a paixão pelo cinema andava com Nivaldo, muitas vezes de forma literal. Ele possuía projetores 16 mm, RCA série 400 (figura 5), chegando a ter 16 desses. Hoje, cada um dos irmãos, contém um como recordação.

Figura 5: Projetor RCA 16mm Model 400

Fonte: Carbon Arc (2015)

A engenhosidade de Nivaldo garantia que, onde quer que ele estivesse, poderia reproduzir seus filmes. Na ausência de um espaço de cinema, retirava o carro da garagem, abria o portão e projetava na parede da garagem do vizinho. Durante aproximadamente três anos, aos sábados, a quadra 710 Sul ficava lotada de pessoas que queriam assistir seus filmes. Os vizinhos acabavam participando, ou por juntarem-se à sessão ou por passarem com seus carros em frente a “tela” do cinema.

Em 1970, a família se mudou para a casa nova no Park Way, no mesmo ano em que todas as embaixadas começaram a se instalar em Brasília. A cidade ainda não possuía muitos locais edificadas, especialmente para atender às necessidades da embaixada dos Estados Unidos, que buscava uma residência com mais de 1000m². Na época, só existiam duas na cidade com esse porte, a de Nivaldo e outra, de Pedro Teixeira, um tabelião da cidade. Apesar da resistência inicial em vender a casa recém-construída, os americanos se dispuseram a pagar um valor tão exorbitante, que Nivaldo não foi capaz de recusar. A venda acabou rendendo uma crônica no jornal O Globo, pelo colunista carioca Ibrahim Sued “Exploração imobiliária em Brasília”. A residência já possuía uma sala de jogos com uma tela oval e uma cabine de projeção. As máquinas eram muito parecidas com as que se encontram na Casa dos Arcos atualmente.

A venda da casa para embaixada gerou a independência financeira de Nivaldo e sua família. Ele comprou alguns imóveis na cidade, tendo uma fonte de renda constante que o liberou de seu emprego à época. Ele utilizou então o dinheiro para comprar outros três outros lotes no Park Way, passando a construir, ele mesmo, outra residência para a família, com o auxílio dos amigos, o arquiteto Lelé e o mestre de obras Tião.

Em 1972, a família começou a construir a Casa do Arcos e Nivaldo decide então construir um barraco no lote, o “Catetinho” da família, para poder acompanhar a obra mais de perto. E, até mesmo em sua moradia temporária, foi reservado um espaço para exibição de filmes. Naquela época, as máquinas já eram outras, próprias para a exibição de filmes em 35 mm. Dessa vez, a máquina ficava no quarto de Nivaldo Júnior, passava pela oficina que, quando tinha suas portas abertas, permitia que a projeção chegasse à parede da garagem. As cadeiras eram posicionadas de frente para a tela e os encontros cinematográficos com os amigos se mantinham aos sábados. Condição que durou ao longo dos sete anos de construção da residência principal. O cinema da nova casa foi inaugurado antes mesmo de a família se mudar para lá, por volta de 1976 e, em 1977, o cinema já contava com 120 lugares.

Figura 6: Vista interna do cinema

Fonte: Autora (2017)

Nivaldo foi um dos pioneiros da cidade. Ele conseguia acesso aos filmes graças a seus bons relacionamentos, um dos traços mais marcantes de sua personalidade. Ele era amigo do Sr. Mozart, da Majestic (figura 7), que alugava filme e equipamentos. Igualmente mantinha um ótimo contato com o Carim, já citado, que também tinha um cinema em casa. Outro relacionamento estreito era com o pessoal da embaixada da França, motivo pelo qual vários filmes franceses foram exibidos por ele. Outro contato era com Jaime, responsável por uma grande rede de cinemas da época chamada São Paulo Minas.

As sessões contavam em média com 120 amigos, todos os sábados, às 21 horas em ponto. Nelas, os espectadores puderam ter acesso a vários filmes, que foram exibidos naquela residência, antes mesmo do lançamento no circuito público. Esse detalhe é relevante, pois, durante o período da ditadura militar, várias películas foram projetadas em suas edições originais, sem os cortes sofridos pela censura, pelo fato de constarem de uma exibição privada.

Figura 7: Anúncio da empresa Majestic

Fonte: Martins (2013)

Nivaldo Júnior admite somente ter percebido que não era uma rotina normal, essa de ter um cinema em casa, após o falecimento do pai, quando pela primeira vez entrou na fila do cinema em um shopping. Ele relembra com carinho como era fácil localizar o pai, mesmo em uma casa com mais de 2000 m². As paixões de Nivaldo Borges sempre o levavam à área de lazer onde estavam contidos seu cinema e sua oficina: “Eram o mundo dele”, disse o filho.

Hoje o espaço é pouco utilizado como cinema, sendo mais empregado para realização de eventos. Ainda assim, já foram filmados cinco longas metragens na casa, entre eles estão os filmes “Somos tão

juvens” (figura 8), “O último Cine Drive-in” e “O Espaço Infinito” gravado nesta ano de 2019. Foram também filmados uma novela da Rede Manchete, alguns curta-metragens e o programa “Casas Brasileiras”, do canal GNT.

Figura 8: Filme *Somos tão jovens*



Fonte: Canto Claro (2016)

6. Conclusão

Buscou-se com este artigo destacar a importância da Residência Nivaldo Borges como acervo do trabalho de Lelé e como marco da história do cinema em Brasília. A Casa dos Arcos reúne não apenas a história de pioneirismo de Nivaldo Borges na capital, o traço de um arquiteto modernista, mas também a instalação da atividade cinematográfica na nova capital. E, se no passado esse espaço representou aspirações modernistas, empreendedoras, de arte, cultura e liberdade, hoje, sustentado pela iniciativa privada da família, teme-se pelo seu futuro e conservação. Falta reconhecimento público de seu valor para a memória das atividades que, por algumas décadas, essa construção conseguiu agregar: arquitetura e cinema. Carência esta que se estende para outras obras do mesmo arquiteto e também para os espaços tradicionais de exibição de filmes da cidade.

“Eu diria que toda a obra foi dedicada ao social. Casa, só para os amigos. Ele sempre preferiu fazer obras sociais do que obras particulares. Infelizmente, o reconhecimento internacional da obra do Lelé é muito baixo, com poucas publicações e por Lelé ser muito humilde, com foco na arquitetura social. É uma pena. Mas o legado dele está aqui e vai ficar. O Lelé era aquele arquiteto completo, tanto da construção, estética, projeto...” (Cláudia Estrela Porto, amiga de Lelé por mais de 30 anos, O GLOBO, 2014).

Como se nota no depoimento da amiga, a obra de Lelé ainda possui baixo reconhecimento nacional e internacional. Apesar das pesquisas e referências à obra do arquiteto, pouco desse conhecimento extrapola as paredes do mundo acadêmico e arquitetônico. No âmbito público, não foram encontrados quaisquer registros de tombamento de suas obras de modo individual, uma situação de grande contraste quando comparada ao colega Oscar Niemeyer, que conta atualmente com 27 obras protegidas pelo IPHAN, por serem grandes exemplares da arquitetura moderna. Defende-se aqui também a valorização do legado de outro arquiteto, também relevante para a história brasileira. Por outro lado, também são escassas as iniciativas de preservação dos espaços ou para o resgate da memória do cinema da cidade.

Acredita-se que a Casa dos Arcos represente um exemplar diferenciado de casa modernista, um ícone da cidade de Brasília e um trabalho completo, onde Lelé desenvolveu com zelo os menores e os maiores detalhes do projeto. Essa visão é reforçada ao se aprofundar no passado de sua construção e



nos relatos sobre o local, como se tentou demonstrar aqui. As sessões de cinema de sábado à noite ainda são lembradas por aqueles que tiveram a oportunidade de conhecer o local.

Assim, a não preservação daquele espaço, pelo seu valor histórico (começo de Brasília), empreendedor (Nivaldo Borges), arquitetônico (Lelé), ou cultural (cinema) apresenta-se como perda sensível de parte da história de Brasília, do próprio país e de um tempo de aventura e sonhos.

7. Agradecimentos

Agradecimentos a Mostra de Filmes de Arquitetura de Brasília, CINEMA URBANA e ao proprietário da Casa dos Arcos, Nivaldo Borges Júnior, por abrir a residência e compartilhar sua história.

8. Referências

ALVES, F. BONI, P. A Brasília de Marcel Gautherot. **Revista Líbero**: São Paulo, v. 15, n. 30, p. 139-152, dez. de 2012. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/10-A-Bras%C3%ADlia-de-Marcel-Gautherot.pdf>> Acesso em: 02 set. 2017

ANCINE. **Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro**. 2016. Rio de Janeiro: Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual, 2016.

CANTO CLARO. **Somos tão jovens**. 2016. 1 fotografia. Disponível em: <<http://www.cantoclaro.com.br/somos-cao-jovens/#1465951185621-9e728716-1c0d>> Acesso em: 10 set. 2019

CARBON ARC. **Lights, PROJECTOR, Action!** 1 fotografia. 2015. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/41002268@N03/18068206381>> Acesso em: 29 ago. 2019

CAU/BR. Alda, Adriana e Sonia lembram o esposo, pai e arquiteto Lelé. **CAU/BR**. 20 de maio de 2015. Disponível em: <<https://www.caubr.gov.br/lele-rascunho/>> Acesso em: 02 set. 2019

CINE 81. **Vladimir Carvalho - Sobre História do Cinema em Brasília**. Brasília, 22 de junho de 2011. Disponível em: <<https://cine81.org/portfolio/vladimir-carvalho-sobre-historia-do-cinema-em-brasilia/>> Acesso em: 01 set. 2019

COSTA, Lúcio. **Relatório do Plano Piloto de Brasília in Brasília, Cidade que inventei**. 1957. Brasília; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Superintendência do IPHAN no Distrito Federal, Secretaria de Estado e Cultura do Distrito Federal, 3ª Edição, 2014, p.140.

DORNAS, Francisco. **10 espaços culturais que Brasília nunca vai esquecer**. 2017. Disponível em: <<https://chiquinhodornas.blogspot.com/2017/03/10-espacos-culturais-que-brasilia-nunca.html>> Acesso em: 10 set. 2019

FRANÇA, Joana. **“Casa dos Arcos”**. 2 fotografias. Brasília, 2011. Disponível em: <<https://www.joanafranca.com/lele.html>>. Acesso em: 02 set. 2017

FRANCISCO, Severino. Saiba como Paulo Emílio Sales deu perfil político ao festival. **Correio Brasileiro**. 2017. Disponível em: <<https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/especiais/festival-de-brasilia-2017/2017/09/15/interna-festivaldebrasilia-2017,626102/paulo-emilio-sales-no-festival-de-brasilia.shtml>> Acesso em: 1 set. 2019

IAB-SC. **Morre em Salvador arquiteto João Filgueiras Lima, o ‘Lelé’**. 2014. Disponível em: <<http://iab-sc.org.br/2014/05/com-aguda-tristeza-comunicamos-o-falecimento-do-arquiteto-joao-da-gama-filgueiras-lima/>> Acesso em: 10 set. 2019



LATORRACA, Giancarlo. 2000. **João Filgueiras Lima**, Lelé. São Paulo: Blau, Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 2000. Série Arquitetos Brasileiros.

MARCA BRASÍLIA. **O pioneiro que amava o cinema**. 2019. Disponível em: < <http://mjtom.com.br/marcabrasilia/historiasdebrasil/a-o-pioneiro-que-amava-o-cinema/> > Acesso em: 10 set. 2019

MARTINS, Daniela Marinho. **Os filmes da minha vida: exibição e salas de cinema em Brasília de 1960 a 1965**. 2013. 246 f., il. Dissertação (Mestrado em Comunicação) —Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MÁXIMO, Marco Aurélio da Silva; FERREIRA, Oscar Luís. Escola Parque 308 Sul em Brasília: a adaptação do patrimônio moderno às exigências de acessibilidade universal. In: Rehabend 2016 - Euro-American congress on construction pathology, rehabilitation technology and heritage management, 6. 2016, Burgos. **Anais...** Burgos: University of Cantabria; University of Burgos, 2016.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Cultura em números**. 2ª edição. Brasília. 252pp. 2010. Disponível em: < <http://culturadigital.br/ecocultminc/files/2010/06/Cultura-em-N%C3%BAmeros-web.pdf> > acesso em: 20 set. 2019.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Estudo para o Levantamento das Oportunidades de Investimentos para o Setor de Turismo no DF**. Brasília: SEBRAE; CET, Universidade de Brasília, 2010. p. 1-350.

MORAES, Felipe. No DF, as salas de cinema estão concentradas no Plano Piloto. **Metrópoles**. 2016. Disponível em: <<https://www.metrosoles.com/entretenimento/cinema/no-df-as-salas-de-cinema-estao-concentradas-no-plano-piloto/amp> > Acesso em: 10 set. 2019

MORAIS, Anna Lorena. **Pensar Brasília, pensar história, pensar cinema**. Artigo. Brasília: UniCeub, 2013. Disponível em: < <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/4714/3/p4.pdf> > Acesso em: 7 set. 2019.

MUSEU VIRTUAL. **Cine Brasília**. 2012. Disponível em: <http://www.museuvirtualbrasil.com.br/museu_brasilia/modules/news3/article.php?storyid=48> Acesso em: 10 set. 2019

O GLOBO. 2014. Morre arquiteto João da Gama Filgueiras Lima, o Lelé, aos 82 anos. **O Globo**. 1 de junho de 2014. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/cultura/morre-arquiteto-joao-da-gama-filgueiras-lima-lele-aos-82-anos-12559956#ixzz4s5sVyCnW> >. Acesso em: 07 set. 2017

PINHEIRO, Samita. **Um panorama sobre o processo de declínio das salas de cinema de rua do DF**. 2014. 60 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) — Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2014.

PORTO, Cláudia Estrela. **Olhares: visões sobre a obra de João Figueiredo Lima**. Brasília: Universidade de Brasília, 2010. p. 1-173.

SAMORANO, Carolina e DE SOUZA, Zuleika. 2014. Brasília, traço do (outro) arquiteto. **Correio Brasileiro**. Brasília, 11 de maio de 2014. Disponível em: < http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/revista/2014/05/11/interna_revista_correio,426655/brasilia-traco--do-outro-arquiteto.shtml > Acesso em: 03 set.2017

SANDOVAL, Liz da Costa. **Brasília, cinema e modernidade: percorrendo a cidade modernista**. 2014. 141 f., il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) —Universidade de Brasília, Brasília, 2014



SENISE, Marcus Vinicius Marinho. **Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e sua relação com a cidade como experiência turística**. 2015. 69 f., il. Monografia (Bacharelado em Turismo) — Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

VILELA JÚNIOR, Adalberto José. **A casa na obra de João Filgueiras Lima, Lelé**. 2011. 357 f., il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

VILELA JÚNIOR, Adalberto José. 2014. **João Filgueiras Lima: uma ponte entre a arquitetura e o design**. Brasília: Universidade de Brasília, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/27494219/Jo%C3%A3o_Filgueiras_Lima_uma_ponte_entre_a_arquitetura_e_o_design>. Acesso em: 01 set. 2019